

Mulheres indígenas na Wiki: representatividade e ensino de história

Elisa Frühauf Garcia

Instituto de História - UFF

 **@elisafruhaufgarcia**





[Início](#)

[Atividades](#)

[Curadoria](#)

[Biblioteca](#)

[Fale conosco](#)



Mulheres indígenas na Wikipédia é um laboratório de ensino e pesquisa fundado em 2020 no [Instituto de História da Universidade Federal Fluminense](#) (IHT-UFF), voltado para a divulgação científica na internet, coordenado pela professora Elisa Frúhauf Garcia.

A iniciativa visa a contínua contribuição para a difusão do conhecimento acadêmico sobre as mulheres indígenas na Wikipédia, com ênfase no período colonial. Suas atividades práticas abrangem tanto a criação de novos verbetes quanto a inclusão de informações nos artigos já existentes. Já as atividades teóricas envolvem discussões sobre o movimento Wikimedia e a divulgação científica na internet.

Saiba mais sobre as [atividades do Laboratório](#)



Equipe

[ElisaFGarcia](#)  (IHT-UFF), Docente responsável

[CalliandraDysantha](#) (WMB / WM+), Wikimedista voluntária

[Pollyana Feitosa](#)  (UFF), Bolsista PIBIC e Wikimedista em formação





[Início](#)

[Atividades](#)

[Curadoria](#)

[Biblioteca](#)

[Fale conosco](#)

Principais tópicos editados e criados em atividades do laboratório

Nome	Tipo	Projeto	Ação
Damiana da Cunha W	biografia	pt.wikipedia	criado
Marquesa Ferreira W	biografia	pt.wikipedia	criado
Bartira W	biografia	pt.wikipedia	editado
Clara Camarão W	biografia	pt.wikipedia	editado
Catarina Paraguaçu W	biografia	pt.wikipedia	editado
Violante do Céu Soares de Souza W	biografia	pt.wikipedia	criado
Glicéria Tupinambá W	biografia	pt.wikipedia	criado
Igreja de São Lourenço dos Índios W	patrimônio	pt.wikipedia	criado
Araribóia W	biografia	pt.wikipedia	editado
História indígena W	conhecimento	pt.wikipedia	criado
História indígena	conhecimento	pt.wikiquote	criado
Manto tupinambá W	objeto	pt.wikipedia	editado
Maria Felipa de Oliveira W	biografia	pt.wikipedia	editado
Pullman Strike W	objeto	en.wikipedia	editado



Atividades outras instituições

ILLINOIS GLOBAL INSTITUTE
WOMEN & GENDER IN GLOBAL PERSPECTIVES PROGRAM

Undergraduate Instructional Workshop
Creating content in women's history: contesting gender and colonialism bias in the digital humanities

November 14, 2023
4:00–7:00pm
2039 Campus Instruction Bldg
1405 Springfield Ave.

Space is limited. **PRE-REGISTRATION REQUIRED**
<https://go.illinois.edu/UW1114>

This will be a three-hour workshop. During the first half of the workshop, Dr. Elsa Fruhauf Garcia (Fluminense Federal University, Brazil) will present to the students how we can edit Wikipedia in order to make women's history less underrepresented there and to have more biographical entries about them, but also including them in general history entries. In the second half of the workshop the students will experience editing Wikipedia themselves. We will log in and work with some preselected entries, trying to find women who were important historical agents but are missing in general narratives and/or do not have their own entries.



In Collaboration with the Lemann Center for Brazilian Studies.
Co-sponsored by the School of Labor and Employment Relations

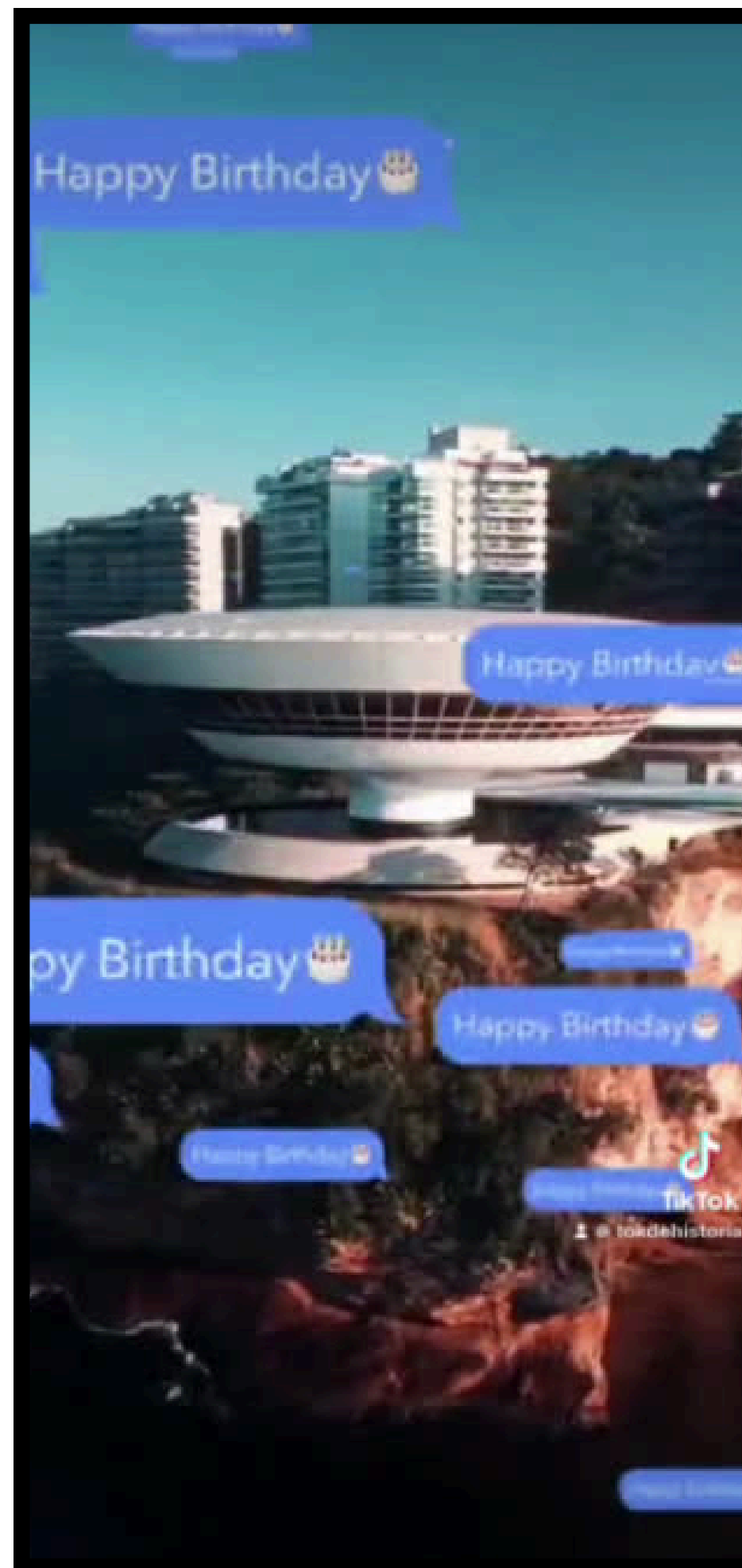


Lei 11.645/2008

Estipula a obrigatoriedade do ensino da história indígena nas escolas de ensino fundamental e médio do Brasil

Aniversário de Niterói

450 anos 2023



@tokdehistoria

Celebrando a História Indígena: Clara Filipa Camarão Potyguara

por: Eliane Potiguara

@ElianePotiguara



radioyande.com



@radioyande



radioyande • Follow

Museu da República



radioyande 🌟 Celebrando a História Indígena: Clara Filipa Camarão Potyguara 🌟

A ndígena Eliane Potiguara é uma professora, escritora, ativista e empreendedora indígena brasileira. Fundadora da Rede Grumin de Mulheres Indígenas. Foi uma das 52 brasileiras indicadas para o projeto internacional "Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz", @elianepotiguara, encenou a biografia de Clara Camarão, a primeira mulher indígena Potyguara a combater os holandeses no Nordeste brasileiro no período de 1630 a 1654. No evento "Memória Feminista Antirracista", dia 17 de maio de 2024, às 18h, no Museu da República, localizado na Rua do



55 likes

May 18

Log in to like or comment.

Postado 18/05/2024



Mapa representando forças militares indígenas aliadas dos holandeses. Note-se a presença de mulheres, ao final da formação, carregando mantimentos e insumos para a guerra. Praefectura De Paraiba, Et Rio Grande, 1665.

Blaeu, Joan, 1596-1673 - Blaeu, Joan (1665). "Praefectura De Paraiba, Et Rio Grande" In: Atlas Maior Sive Cosmographia Blaviana, Qua Solvm, Salvm, Cœivm, Accvratissime Describvntvr. Amsterdam: Blaeu



radioyande • Follow

Museu da República



em Pernambuco.

Seu papel foi fundamental durante esse período tumultuado da história brasileira, demonstrando coragem e liderança em defesa de sua terra e de seu povo. Sua história é um lembrete poderoso do papel importante que as mulheres indígenas desempenharam na resistência e na defesa de suas comunidades.

Vamos celebrar e honrar a memória indígena de Clara Filipa Camarão, indígena Potyguara, uma verdadeira heroína brasileira!

Saiba mais em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Clara_Camarão



55 likes

May 18

Log in to like or comment.

Revisão das 14h54min de 13 de janeiro de 2024

O *manto tupinambá* ou *asojaba tupinambá* é uma vestimenta sagrada, utilizada em rituais e composta por penas de aves nativas.^[1] Só restam 11 mantos confeccionados no [período colonial brasileiro](#), feitos de penas vermelhas de [guará](#) e fibra vegetal, todos eles se encontram em museus de países europeus.^[2]

Como chegaram à Europa?

A maioria dos mantos chegou ao [continente europeu](#) através de saques ou comércio desequilibrado com os [Tupinambá](#) durante o período colonial, sendo tratados como objetos exóticos e de coleção.^[2]

Retorno ao Brasil

Após anos de negociação o [Brasil](#) irá reaver um de seus mantos, se trata do manto mais bem conservado que se tem notícia, que está na [Dinamarca](#) desde pelo menos 1699 e hoje compõe o acervo do [Museu Nacional da Dinamarca](#). A promessa é que ele retorne ao Brasil no início de 2024, e ficará exposto no [Museu Nacional](#) no [Rio de Janeiro](#).^[2]

Referências

- ↑ «O Manto Tupinambá – Espaço do Conhecimento UFMG» www.ufmg.br. Consultado em 15 de dezembro de 2023
- ↑ ^{*a b c*} «Raríssimo manto tupinambá que está na Dinamarca será devolvido ao Brasil; peça vai ficar no Museu Nacional» [G1](#). 28 de junho de 2023. Consultado em 15 de dezembro de 2023



Manto em Bruxelas



Manto tupinambá



Manto tupinambá

2 línguas

Artigo **Discussão**

Ler Editar Editar código-fonte Ver histórico

Eliminação Manutenção #R Esboço Busca Informações Mover Pedido Listar [esconder]

O ***manto tupinambá*** ou ***açoiaba tupinambá*** é uma vestimenta sagrada, utilizada em rituais e produzida com penas de aves.^[3] Só restam 11 mantos confeccionados no **período colonial brasileiro**, feitos de **penas** vermelhas de **guará** e fibra vegetal. Todos eles se encontram em museus de países europeus.^[4]

A arte plumária indígena brasileira [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

Arte plumária indígena brasileira é o processo **artesanal** de confecção de adornos corporais, enfeites e objetos utilizados pelos grupos indígenas brasileiros. Produzidas essencialmente com **penas** de aves, os estilos das peças variam entre as culturas indígenas, seguindo padrões estabelecidos pelas tradições de cada povo. Entre os objetos plumários para adorno corporal, podemos citar cocares, diademas, braçadeiras, brincos, peitorais, colares, pulseiras, alé dos suntuosos mantos, utilizados exclusivamente nas grandes cerimônias e rituais públicos.^[5]

Após a sua chegada ao Brasil, os portugueses ficaram impressionados com a originalidade e exuberância da plumária indígena, especialmente dos povos **Tupinambás**. No caso dos mantos, destaca-se o uso de penas da **ave Guará**, de coloração vermelha, além de penas de **papagaio**.

Como chegaram à Europa? [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

A chegada de **Cristovão Colombo** à América inaugurou uma nova possibilidade de relações comerciais no mundo. Na sequência, ainda nos primeiros anos do **século XVI**, o Brasil é inserido no comércio europeu através dos contatos entre os portugueses e indígenas da costa. No início ocorreram trocas de alimentos nativos por objetos diversos vindos da Europa, como machados e outras ferramentas de ferro, até então desconhecidas pelos indígenas. Com as relações consolidadas, um item passa a ser o protagonista desse comércio, o **pau-brasil**, destacando-se também o interesse português por animais, como **papagaios** e **macacos**.^[6]

O manto tupinambá foi um dos itens que circulou nesse comércio atlântico. A maioria dos mantos chegou ao **continente europeu** através de saques, relações diplomáticas ou comércio com os **Tupinambá** durante o período colonial. Eram tratados como objetos exóticos e de coleção.^[4]

Essas peças da cultura nativa passaram por diversas mãos até chegar aos **museus** onde hoje se encontram. Uma das vias através das quais os mantos chegaram à Europa foi através de **coleccionistas**, sendo um dos mais conhecidos o conde Johann Moritz von Nassau-Siegen, que foi o governador holandês do Brasil, conhecido como **Maurício de Nassau**. Sofia de Hannover, sua sobrinha, foi retratada pela pintora Louise Hollandine van de Platz sob o disfarce de uma índia sul-americana usando um manto de penas. Provavelmente este objeto remonta aos que ela trouxe consigo quando do retorno de Nassau a Haia em 1644.^[2]



Manto em Bruxelas



Manto tupinambá na procissão "Rainha da América", em 1599^[1]



O manto na atualidade [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

Atualmente existem novos exemplares do manto que começaram a ser confeccionados pela artista **Glicéria Tupinambá** após uma extensa pesquisa junto ao seu povo. O primeiro exemplar está exposto na coleção "Os primeiros brasileiros", organizada pelo antropólogo **João Pacheco de Oliveira**, no **Museu Nacional**.

Retorno ao Brasil [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

Por ocasião da Mostra do Redescobrimento, Brasil **500 Anos**, realizada no **Parque Ibirapuera**, em São Paulo, no ano 2000, um do mantos existentes na Europa foi trazido do museu de **Copenhagen**, (Dinamarca), para ser exposto naquela oportunidade.^[7] Após anos de negociação, este manto retornará ao **Brasil**. Se trata do exemplar mais bem conservado que se tem notícia, que está na **Dinamarca** desde pelo menos 1699 e hoje compõe o acervo do **Museu Nacional da Dinamarca**. A expectativa é que ele retorne ao Brasil em 2024 e fique exposto no **Museu Nacional** no **Rio de Janeiro**.^[4]

Referências [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

- ↑ Buono, Amy (2018). «**Seu tesouro são penas de pássaro: arte plumária tupinambá e a imagem da América**» . *Figura: Studies on the Classical Tradition* (2): 13–29. ISSN 2317-4625 . doi:10.20396/figura.v6i2.9950 . Consultado em 9 de maio de 2024
- ↑ ^{***a b***} Joelza (21 de abril de 2024). «**O deslumbrante Manto Tupinambá de penas vermelhas**» . *Ensinar História - Joelza Ester Domingues*. Consultado em 29 de maio de 2024
- ↑ «**O Manto Tupinambá – Espaço do Conhecimento UFMG**» . *www.ufmg.br*. Consultado em 15 de dezembro de 2023
- ↑ ^{***a b c***} «**Raríssimo manto tupinambá que está na Dinamarca será devolvido ao Brasil; peça vai ficar no Museu Nacional**» . *G1*. 28 de junho de 2023. Consultado em 15 de dezembro de 2023
- ↑ *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas, 2013*. [S.l.]: Seed/Pr. 11 de março de 2016
- ↑ GARCIA, Elisa Frühauf. “Os índios brasileiros na formação do mundo moderno”. In: Gesteira, Heloísa (org.). Magalhães-Elcano: a primeira viagem ao redor do mundo. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2021.
- ↑ “*Somos tupinambás, queremos o manto de volta*” . [S.l.]: Seed/Pr. 11 de março de 2016. p. 38

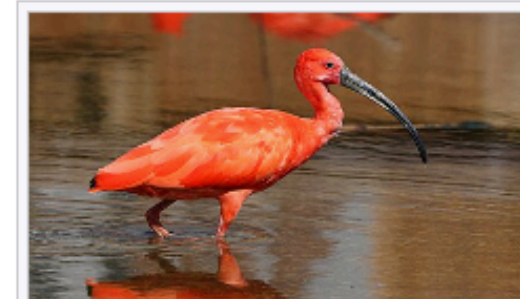
Bibliografia [[editar](#) | [editar código-fonte](#)]

- GARCIA, Elisa Frühauf. “Os índios brasileiros na formação do mundo moderno”. In: Gesteira, Heloísa (org.). Magalhães-Elcano: a primeira viagem ao redor do mundo. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2021.

O manto em cerimônia religiosa de indígenas tupinambás em gravura de Theodor de Bry



Sofia de Hannover como índia: Óleo sobre tela, por Louise Hollandine van de Palts, 1652.^[2]



Ave Guará



Eliminação Manutenção #R Esboço Busca Informações Mover Pedido Listar [esconder]

Glicéria Tupinambá, também conhecida como Glicéria Jesus da Silva ou Célia Tupinambá, é uma artista, professora e liderança indígena, nascida em 1982 na aldeia Serra do Padeiro, localizada no Território Indígena Tupinambá de Olivença (Bahia). Ficou conhecida internacionalmente por seus trabalhos com o manto tupinambá.^[1]

Biografia

[editar | editar código-fonte]

Professora, antropóloga, ativista, pesquisadora, cineasta e liderança da aldeia em Serra do Padeiro, na terra indígena Tupinambá de Olivença, no sul da Bahia. Filha de Ramiro Ferreira da Silva (Lírio da Serra) e Maria da Glória de Jesus (Maria de Lírio), tem nove irmãos, dentre eles o Cacique Babau. Tem dois filhos, Eruthawã e Ory Tupinambá. Concluiu a Licenciatura Intercultural Indígena no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA).^[2] Porto Seguro, Bahia, Brasil. Dirigiu, em parceria com Cristiane Julião Pankararu e Alexandre (Xandão) Pankararu, o documentário Voz das Mulheres Indígenas ↗ (2015).

Foi a primeira artista indígena a representar o país no pavilhão do Brasil na Bienal de Veneza em 2024, com a exposição *"Ka'a Pûera: Nós Somos Pássaros que Andam"*.^[3]

Manto Tupinambá

[editar | editar código-fonte]

Em 2006, Glicéria começou a pesquisar sobre o manto junto a seus familiares. Descobriu que a técnica ainda era utilizada para confeccionar redes de pesca e jereré. A partir desta descoberta, Glicéria conseguiu avançar na pesquisa sobre a confecção dos mantos, um trabalho que continua desenvolvendo até os dias de hoje, pois cada peça tem um processo particular. Durante as suas pesquisas teve contato pela primeira vez com imagens dos mantos dos século XVI e XVII, através das aulas da professora Patrícia Navarro, da UEFS. O manto confeccionado fez parte da exposição "Os primeiros brasileiros" ↗, organizada no Museu Nacional pelo professor João Pacheco de Oliveira.^[4] O manto não foi atingido pelo incêndio que atingiu o Museu, estando a salvo no Memorial dos Povos Indígenas em Brasília.^[5]

Prêmios e reconhecimentos

[editar | editar código-fonte]

- 2024 — Primeira artista indígena a representar o Brasil na Bienal de Veneza.^[6]
- 2023 — Vencedora do Prêmio Pipa.^[7]
- 2020/2021 — Prêmio Funarte Artes Visuais^[8]

Referências

Glicéria Tupinambá

Nascimento	1982 <div>Olivença</div>
Cidadania	 Brasil
Etnia	Tupinambás
Ocupação	artista, antropóloga, professora, cineasta
Prêmios	Prêmio PIPA

[edite no Wikidata]





Oficina
10/04/2024
Obrigada
Juliana!

Obrigada!

Quer entrar em contato? elisagarcia@id.uff.br

Quer acompanhar nas redes sociais?

Instagram: [elisafruhaufgarcia](https://www.instagram.com/elisafruhaufgarcia)

Quer saber mais sobre nós na wikiversidade?
Laboratório Mulheres indígenas na Wikipédia

